

LETRAS BRASILEIRAS: CRUZ E SOUSA*

Ricardo Jaimes Freyre

Senhor presidente, senhoras, senhores:

Quero fazê-los ouvir, antes que as minhas, as palavras do admirável poeta negro, autor das *Evocações*. Elas explicarão talvez as estranhas e dolorosas intensidades de sua alma, a mais torturada que jamais animou um corpo humano, e ajudarão minhas excursões por entre os crepúsculos visionários de seu bosque de harmonias.

O poeta negro ouve uma voz que se dirige a ele:

“Tu és dos de Cam, maldito, réprobo, anatemizado! Falas em Abstrações, em Formas, em Espiritualidades, em Requiutes, em Sonhos! Como se tu fosses das raças de ouro e da aurora, se viesses dos arianos, (...)”

“Artista! pode lá isso ser se tu és d’África, tórrida e bárbara, devorada insaciavelmente pelo deserto (...) arrastada sangrando no lodo das Civilizações despóticas, torvamente amamentada com o leite amargo e venenoso da Angústia! A África arrebatada nos ciclones torvelinhantes das Impiedades supremas, das Blasfêmias absolutas, gemendo, rugindo, bramando no caos feroz, horrído, das profundas selvas brutas, a sua formidável Dilaceração humana! A África laocoôntica, alma de trevas e de chamas, fecundada no Sol e na Noite. (...)”

“Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá do fundo exótico dessa África sugestiva, gemente, Criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados, dessa flagelada África, grotesca e triste, (...) dessa África dos Suplícios, sobre cuja cabeça, nirvanizada pelo desprezo do mundo, Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas!

“A África virgem, inviolada no Sentimento, avalanche humana amassada com argilas funestas e secretas (...) para fecundar, talvez, os grandes tercetos de algum novo e majestoso Dante negro! (...)”

“Não! Não! Não! Não transporás os pórticos milenários da vasta edificação do Mundo, porque atrás de ti e adiante de ti, não sei quantas gerações foram acumulando, acumulando pedra sobre pedra, pedra sobre pedra, que para aí estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça”.

Cruz e Sousa foi perseguido por esta voz, como Caim pelo olho simbólico. Toda sua vida foi para ele a véspera de um dia ansiosamente espe-

* Conferência lida no Ateneo de Buenos Aires, em 28 de agosto de 1899. Publicado em *El Mercurio de América*, tomo III, ano II, set-out 1899. Tradução de Antonio Carlos Santos.

rado. Quando um acesso de tosse levou à sua boca a primeira gota de sangue, deve ter sorrido pela primeira vez.

Imaginam este espírito povoado de trevas, no país do sol? No maravilhoso país brasileiro para o qual a natureza parece haver criado uma luz nova, harmoniosa e deslumbrante, e posto vinho de alegria na triste taça de sua raça?

Cruz e Sousa deu uma nota isolada, estranha e vibrante, na poesia do Brasil. Ninguém falou como ele da Dor e da Nostalgia; ninguém como ele aureolou a frente da Poesia de visões e de angústias.

Buscar-se-ia em vão nas letras brasileiras e nas portuguesas, os antepassados intelectuais do artista dos *Broquéis*. Se voltassem a vista à França, recordariam Baudelaire ou Villiers; se ao país yankee, Poe; se à Inglaterra, Swynburne; mas Cruz e Sousa só lembraria estes artistas, tão grandes e tão diferentes; porque sua obra lhe pertence, como concepção e como execução; é sua; o caracteriza e o revela. Excepcional elogio.

Não é um poeta brasileiro; nem mesmo um poeta americano. É simplesmente um poeta. Sabe que as fronteiras da arte são as fronteiras da concepção estética e leva sua estranha constelação de idéias por todos os céus, e sua caravana de visões por todos os desertos desolados e tristes do espírito.

Alexandre Herculano, douto e eminente autor das *Lendas e narrativas*, armou cavaleiro a Gonçalves Dias, na amável cavalaria da Arte, mas ao dar-lhe a espada, queixou-se de não ver nele bastante ardor pelo maltratado americanismo. O visconde de Almeida Garrett, que admirava o pastor togado Gonzaga, lastimou que conduzisse seus rebanhos a prados estrangeiros. Idênticas censuras foram dirigidas por outros críticos a outros autores. Pois bem; é preciso que os americanos falemos de nós mesmos; de nossos bosques, de nossos rios, de nossas montanhas; de nossa história; de nossos costumes, de nossas paixões, de nossos vícios e de nossas glórias. Mas somos europeus por língua, por religião, por raça, por história, por costumes, por paixões e por vícios. Para americanizar nossa obra, só nos resta a natureza e o indianismo; fazer correr pelas páginas de nossos livros os caudais do Amazonas, do Prata ou do Magdalena, e projetar sobre nossos heróis de tez vermelha, a sombra dos coqueiros e dos ombus.

Americanismo? A palavra pertence ao vocabulário político; o vocabulário poético ignora seu significado. Talvez possam encontrá-la no retórico. Vão encontrá-la, certamente, no da crítica pedante e acadêmica.

O Brasil não podia constituir uma exceção na história da literatura latino-americana. Passou pelas diversas fases da evolução européia; ordenhou a úbere clássica e a úbere romântica e a úbere realista da Amaltea literária, e praticou indianismo, substituindo os pinheirais pelos palmeirais, e o rouxinol pelo sabiá. Sua Graciela chamou-se Iracema. René, Manfredo, Werther, Saint Prioux, viram correr, melancolicamente, as águas do Tietê ou do Paraíba e o cavaleiro Rolando penetrou no sertão.

Basílio da Gama cantou, em clássicos e sonoros versos brancos, as rebeldias dos índios do Uruguai. Santa Rita Durão, as romanescas aventuras do português Correa, entre os tupinambás conhecido como *Caramuru*. Suas oitavas reais olham ao longe as maravilhosas oitavas de Camões. Gonçalves de Magalhães, que agitou com audácia a bandeira romântica, celebrou a confederação dos Tamoios; Araújo Porto Alegre criou as *Brasilianas*, para celebrar nelas a natureza prodigiosa de sua pátria, Gonçalves Dias, compôs o hino guerreiro da tribo dos tupis. Mais tarde, José de Alencar falou de Guarani e de Iracema; mas não foram estes mais americanos que o Chateaubriand dos Chactas, o Saint Pierre de Paulo e Virgínia ou o Ercilla da Araucana. Os costumes índios são tão exóticos para nós como para os europeus, e um poema que celebrasse as façanhas de Huayna Kapahj, seria para nós tão estranho como o que cantasse as de Gengis Khan. Filha das velhas civilizações, nossa poesia é um braço do grande rio poético da Europa.

Eu atravessei as florestas do Brasil; vi limitado o horizonte por colossais e frondosas árvores nas margens dos grandes rios; vi as trepadeiras estendidas entre os troncos, apertando-se em largas malhas verdes; os penachos galhardos das palmeiras, ondulando ao vento, sobre seus compridos corpos desnudos; grupos de copas brancas, clareando ao longe a obcuridade da selva; o cipó que se abraçava serpenteando as árvores, e atapetava o solo, e vestia com longos véus os gigantes troncos mortos; os fetos arborecentes estendendo as linhas curvas e amarelecidas de seus ramos, e os encaixes florescidos das trepadeiras pendentes dos braços mutilados dos enormes jequitibás — toda a primitiva grandeza das florestas virgens — e vi balançar-se as redes, presas nas árvores, e nelas as jovens brasileiras que liam delectosamente as narrações dos *flirts* viageiros de Pierre Loti ou as ternuras apaixonadas de João de Deus. Falariam mais docemente à sua alma, as descrições pitorescas dos índios dos poemas?

Dirceu apacentava sabiamente o suave rebanho de seus versos e acendia o coração de Marília com élogos arcádicas. Cláudio Manoel da Costa ruborizava-se dos traços de americanismo que apesar de tudo apareciam em seus poemas; o que não o impediu de passar os últimos anos de sua vida nas masmorras do rei fidelíssimo, por cumplicidade na gloriosa conjuração de Vila Rica; como as abjurações e as profissões de fé católica, não foram razão para que o infelicíssimo poeta Antônio José da Silva, não entregasse a Deus sua alma nas espantosas fogueiras da Inquisição.

Como a clássica poesia dos Gama, e os Gonzaga, a poesia romântica dos Magalhães e dos Gonçalves Dias arejou com brisas exóticas as selvas do Brasil; mas seus clarins sonoros produziram mais duradouras harmonias. Encontrarão belos versos em Fagundes Varela, em Castro Alves, em Casimiro de Abreu, e desequilíbrios espantosos no byronismo de Álvares de Azevedo.

Encontrarão na geração atual, artistas como Olavo Bilac ou como Alberto de Oliveira ou como Raimundo Correia, ou como Luís Murat, e deli-

cados sonhadores como Lopes, que desde o fundo do quadro de Watteau em que vive, fala de seu amor a suas *lady*s e a suas duquesas em termos cavaleirescos; ou místicos como Affonsus de Guimarães [sic], que canta docemente os louvores de Nossa Senhora, no monastério de Verlaine. Encontrarão uma vasta e poderosa corrente literária; críticas insignes, historiadores eminentes, romancistas, filósofos; mas talvez, como eu, farão esforço para apartar seus olhos dos grandes nomes consagrados, e voltá-los à figura extática do poeta doloroso, que levou sua vida constelada de mártírios, entre a tísica, a miséria e a loucura.

“Senhor, meu Deus, concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me provem a mim mesmo que não sou o último dos homens, que não sou inferior àqueles a quem desprezo.” Assim rezou Sousa, com a prece de Baudelaire.

E o Senhor Deus lhe concedeu a graça.

Seus versos estão impregnados de misticismo e seus êxtases místicos têm visões de voluptuosidade doentia. Sua Virgem Maria, Rosa pulcra, Estrela dos altares, Hóstia da Extremunção da dor, Água lustral, Ave de prata e azul, branca como as ampolas sagradas, olha com olhos de mistério e de tristeza. Entre as pompas do culto, que de maneira estranha o fascinam, deixa o poeta vagar seus pensamentos e suas pupilas e os detém às vezes nos Cristos de ouro e marfim, serenos, luminosos, ideais, em cuja cabeça ensangüentada há dor e há luz, e vê também os Cristos do pecado e as flores da carne, as jovens ajoelhadas engrinaldadas de branco, cobertas com véus brancos, em cujos corpos o pudor parece claridade de lua, e em cujos seios estremecidos há intensas voluptuosidades, enquanto a hóstia, branca e fria, toca seus lábios.

Seu antifonário é maravilhoso. Quer para seus versos sonho e mistério; formas alvas, formas puras de virgens e de santos; músicas e harmonias de cores e perfumes; estremecimentos e ansiedades do desejo; flores negras de tédio.

— Tudo; vivo e nervoso, cálido e forte, nos torvelinhos quiméricos do sonho, — passe cantando ante o perfil pavoroso — e o tropel cabalístico da morte.

E tudo passa; enigmático, místico e lascivo. Ressoa, às vezes, em sua lira, a sonora corda romântica, para saudar o passo dos arcanjos, que abrem suas asas de ouro entre as ondas nebulosas da visão. Passa depois Lésbia, nervosa e fascinante, planta mortal, humana serpente, — em seus seios amargos, há ópios estranhos — e com ela passam o amor trágico e a morte.

Talvez soubesse Sousa, como Leopardi, que quando se sofre o verdadeiro amor

un desiderio di morir si sente

mas não sente tão só o desejo de morrer; gostaria também de atormentar a carne branca da amada venerada. Como Swynburne. Teme os abraços castos e virginais, que produzem sensações de acres torturas e traçam círculos de fogo; teme os braços abertos para o amor e para a morte, e vê a cortesã proclamando ao som de trombetas triunfais, o amor estéril.

Também tem sonhos brancos, de brancura de sudários. E as brancuras despertam as quimeras intensas de seu desejo e as voluptuosidades ideais de todos os castos.

Na *Canção da Formosura*, encerrou, como um velho alquimista, um raio de sol. Em *Dor*, há extensas caravanas de desesperados, que torcem seus braços, enquanto ressoa o espaço com os ais e soluços.

Seus versos fulguram ou desfalecem. A ansiedade os agita ou a tristeza os envolve e os vela. Quer galvanizá-los com o Desejo.

— Sejam carnaís todos os sonhos brumosos — de estranhas, vagas sendas consteladas — onde dormem geladas as Visões de amor.

E sonhos, palpitações, ânsias e desejos — formem com claridades e fragrâncias, — a encarnação das lívidas amadas.

Como o amor, a Morte o obceca, e o perfil da Morte é, em seus poemas, indeciso e vago. Ao passar, deixa uma luz pálida. Sua figura se destaca, branca e sinistra à claridade dos círios.

Vê o Mal inspirando os sonhos. O Mal é o Satã dos hagiógrafos, Caprípede, com os corpos fabulosos na real frente; e sua frente está adornada, como a de Dyonisos, com folhas de parreira. É um deus triunfador dos justos. Mas o poeta não lhe cantará as litánias de Baudelaire; reserva suas preces para a Santa Virgem, e para a mulher, para as claras e rosadas carnes femininas.

A beleza, se impassível e serena, causa-lhe a impressão do extra-humano. A terra não dá aos corpos essa luz de lua, essa melancólica paz, que triunfa dolorosamente. Há, ao contrário, a beleza da pecadora banhada na água lustral do arrependimento.

— Olhos, braços e lábios, mãos e seio, — presa de estranhos, místicos estremecimentos, — estão divinizados pela amargura; — mas o corpo ideal e penitente, — parece guardar todo o calor — da antiga febre dos amáveis pecados.

Tem sinfonias wagnerianas para celebrar os espetáculos da terra. Seus crepúsculos são harmoniosos e perfumadas suas noites de lua; mas seu perfume é sempre incenso e mirra. É místico, ainda quando se afasta do templo cristão para ajoelhar-se em outro templo seu, onde lê o missal dos missais. A Divindade floresce em seus versos com o trigo ao sol. Talvez, como Hugo, prefira a abóboda da igreja à abóboda do templo e vê uma hóstia na lua. À claridade da lua escuta as preces dos velhos templários, dos ermitãos e dos ascetas, e os cânticos e os salmos.

Embora seja orgulhoso e rebelde, sofre desalentos profundos:

— Irás cantando os troféus de teu sonho, — arrastando romanas púrpuras, — engrinaldado com louros imortais, — nobre guerreiro audaz das idéias, — e verás desfilar lentamente todos teus dolentes desejos.

Mas esta suprema esperança desaparece em breve; e o poeta exclama:

— Oh! sons intraduzíveis, formas, cores... — Ah! que eu não possa eternizar a Dor — nos bronzes e nos mármoreos eternos!

Os breves poemas em prosa de *Missal*, são somente impressões, reflexos de estados de alma. Têm alguns estranha intensidade. São outros simples, leves, quase infantis. O *Missal* se abre com uma oração ao sol, “rei astral (...) que fazes cantar de luz os prados verdes, cantar as águas!”. O poeta, que tem a alma triste, quer rir; rir, como os heróis homéricos com riso inextinguível; “rir e amar, — perpetuamente rir, perpetuamente amar”, e reza ao sol uma súplica rara; uma súplica em que os adjetivos hiperbólicos, os símiles absurdos, ericam estranhamente as idéias.

Mas o sol jamais riu na obra do poeta brasileiro. A obra de Cruz e Sousa é noturna ou crepuscular.

Às vezes, hermético e cabalístico, fecha sua prosa e é um discípulo de Mallarmé; mas também sabe dizer: — “Trago todos os ruídos da rua”, ou bem: “Alguns homens, ásperos e rudes, colocam grandes tubos de barro para canalizar as águas da cidade”.

Mas estes homens, ásperos e rudes, não lhe impedirão de cantar este delicioso poema.

“Num brilho cintilante de tiara persa, a Via Láctea encurva-se do alto por sobre mim, nas alvas flores cristalinas das suas estrelas.

Encurva-se por sobre mim na pompa negra da noite densa, vagamente lembrando o luminoso esplendor de uns olhos dentre a pompa negra de aromados cabelos.

Como em arejados pátios claros de castelos renanos por que desfilassem visões germânicas, — *wills* enamoradas e vaporosas, sílfides serenas e encantadoras, ao luar das baladas, — de cada estrela frígida, branca, desfila, vai desfilando, nas rutilantes esferas uma Ilusão e um Sonho, e cada Sonho e cada Ilusão se corporifica, toma consistência de nervos e cinzelada escultura de linhas, e eis então aí fascinadoras, deslumbrantes mulheres avassalando o firmamento, como ampla Via Láctea de corpos ondulantes e níveos...

Ah! mulher que eu procuro e desejo da tenda nômade da Arte, peregrina e fugidia sereia! que as harmonias deliciosas da tua carne não sejam misteriosas para mim como a Via Láctea, a cujas estrelas, que representam cada uma uma Ilusão e um Sonho, está infinitamente presa, num amoroso eletrismo, esta alma ardente, alanceada e nervosa...”

Cruz e Sousa fez uma estranha apologia da fealdade; melhor dizendo uma apologia do feio. Des Esseintes sorriria, Rubén Darío pensaria em

Lautréamont. A fealdade que louva é gwymplinesca, endemoniada e horrível. Assim o tétrico Quasimodo:

"Entretanto, eu gosto de ti, ó Feio! porque és a escalpelante ironia da Formosura, a sombra da aurora da Carne, o luto da matéria doirada ao sol, a cal fulgurante da sátira sobre a ostentosa podridão da beleza pintada. Gosto de ti, porque negas a infalível, a absoluta correção das Formas perfeitas e consagradas, conquanto tenhas também, na tua hediondez, a correção perfeita — como o sapo (...) tem, no entanto, a repelente correção própria de sapo; — como a estrela (...) tem a serena e sidéria correção própria d' estrela".

Não obstante a faiscância de seus paradoxos, que lembram às vezes *Dorian Gray*, é impossível duvidar da sinceridade do poeta. É um sonhador, um místico, freqüentemente um iluminado, sempre um poeta. Disse: para a profundidade, para a singularidade de todo o complexo da natureza, o artista, que sente claro, entende claro, pensa claro, saboreia claro.

Mas isto não é verdade, a não ser a meias. Algumas vezes as brumas de seu pensamento modificam as linhas das coisas e as idéias se envolvem em uma nuvem tênue e esbranquiçada. A luz meridiana surpreenderia suas visões, como um repentino esplendor de sol a um conciliábulo.

Para a beleza negra, fez um quadro admirável. Sua Núbia poderia ser uma rainha do Sabá, bela como a de Eugênio de Castro e voluptuosa e fascinadora como ela. Seus olhos, pérolas negras, refulgindo no cetim tenebroso do rosto; seus dentes de neve; seu busto delicado, airoso, talhado em relevo de bronze florentino; seu sangue cáldo, aceso em desejos, através da pele sombria e aveludada, e sua alma, simples e branca como uma hóstia, com ritmos de bondade infinita, com suaves claridades consoladoras, de piedade e enternecimento.

E não é, não, a beleza de ébano uma criação poética. Talvez pudessem vê-la. O poeta a viu e a ama. Viu "essa humilde criatura, que o fatalismo da natureza condenou à indiferença ou ao desdém das caras poderosas". E o fascinou. "Adorá-la, trazê-la no coração, como relíquia rara em um relicário estranho...".

A flor negra abriu-se em seus braços. "Todo esse feminino ser precioso brota hoje em exuberância de afetos, em pompa germinal de extremos voluptuosos, e floresce em rosas juvenis."

Cruz e Sousa morreu, um ano faz, devorado pela tísica. Quando esta extraordinária natureza de artista, desapareceu para sempre, o célebre José do Patrocínio, filho como ele das raças africanas; agitador, panfletário, jornalista, glorioso nas campanhas pela abolição da escravatura, enlutou as colunas de seu jornal *A Cidade do Rio*, em torno da áspera silhueta do poeta visionário, e deu espaço às generosas elegias de seus jovens amigos. Nestor Victor, o irmão intelectual de Cruz e Sousa, esboçou em um opúsculo, com

fina observação e com talento, sua fisionomia moral; mas a obra do artista ainda não foi estudada.

Antes de sua morte, apareceram os dois livros de que falei: *Broquéis e Missal*. Ultimamente foram publicadas as *Evocações*. Parece que há ainda três volumes inéditos *Faróis, Últimos sonetos e Prosas*.

Evocações é um dos livros mais estranhos e mais sugestivos que já se escreveu. Diria-se um fantástico e extático faquir, de cujos lábios brotam as palavras isoladamente, fatigantemente uma impressão maravilhosa; uma idéia monótona, que reveste mil formas, avança, se perde ao longe, volta e desaparece; renasce e turva como uma obsessão.

É um só foco central de onde partem infinitos, iguais raios, e por eles vai o pensamento e sobe com eles por uma escada flamejante e sonora, onde vozes inauditas falam de tristezas supremas.

Foi seu admirável instrumento essa língua portuguesa, delicada e harmoniosa, dúctil e flexível como nenhuma, que segue o vôo majestoso de Luís de Camões, assim como encerra a carícia amorosíssima de João de Deus.

Cruz e Sousa vê na Arte uma imitação dolorosa. No mundo sonhador e extra-humano da Arte, não pode habitar a serenidade. Afundando-se no Sonho e na Visão, todo o antigo encanto, toda a frescura juvenil, fogem para sempre. "Vem para a Dor, diz, vive na chama da Dor, vencedor por senti-lo, glorioso por conhecê-lo; tira da Dor a serenidade valiosa e profunda e a solene harmonia. Se não a tens, vaga pelos desertos, corre pelos areais da Ilusão, pede aos rubros campos abertos da Vida, clama e grita: Quem me dá uma amargura? Uma amargura para me iluminar!"

Mas Cruz e Sousa não pediu tristezas à sua imaginação. A *balada dos loucos*, seu estranho poema, me trará sempre a lembrança de uma noite macabra de sua vida.

A esposa do poeta, apoiada no braço deste, com a razão perdida, soluçando largamente, amargamente, olhava as sombras com seus olhos extraviados e enxutos, enquanto seu companheiro se afundava em suas visões. E assim caminhavam sob a luz clara da lua de janeiro, rodeados por sua esplêndida e ridente natureza, fora dos lugares que a multidão persegue na alegria de viver; e assim iam os dois, *ela na loucura do real e ele na loucura do sonho*, como dois espectros, sob a clara luz da lua.

E assim pôde dizer: o fundo oceânico de soluços de que está feita minha alma...

Sua estética especial, quintessenciada nas abstrações, projeta uma luz nova sobre as coisas. Veste-as com véus de fantasia ou com harmoniosas vestimentas, para que possam dar a sensação vaga que busca. Tem encantadoras e suaves imagens femininas. *Seráphica* parece desprender-se de um velho missal, peregrinamente iluminado por um monge na austeridade de uma cela; no *Ano branco*, uma figura casta e radiante, pela qual passam re-

lâmpagos de voluptuosidades quiméricas; nos *Féretros*, a Virgem que levou à morte seu corpo em flor.

A *Tenebrosa* é uma torre maciça de sombras. Fantasia extravagante e acesa por cujas linhas cruza um sopro de desejo gigantesco e brutal. Em *Vulda*, sonha largamente com as suavidades harmônicas de um nome de mulher.

Embora em toda sua obra só se encontre impressões profundamente sentidas, e estranhas e nebulosas visões, o poeta dos *Broquéis* deixou vislumbrar os princípios em que se baseia seu critério estético. Vou procurar expô-los, por mais que não esteja seguro de ter me orientado bem em sua vasta e espessa selva.

A verdade na Arte existe em cada temperamente sincero que se manifesta, em cada sentimento que se revela, em cada alma original que vem dizer seu segredo à vida; porque a perfeita verdade da Vida, em sua alta e pura essência, é intangível.

As inverossimilhanças, as coincidências, os acasos, os pressentimentos, os absurdos, as exceções dos fenômenos gerais, as correntes de atração, as impressões desconhecidas, os espasmos ou estados patéticos, o contato ou choque, o encontro magnético e curioso das almas, o indefinido das coisas, parece constituir o lado secreto, ideal e fantástico do Sonho, da Vida.

A alta verdade da Vida está em Hamlet.

A observação, como a análise, é um crisol para o artista; mas não é uma faculdade suprema. É demasiado evidente, demasiado física, tem muito de notas e de informações subsidiárias, e participa demasiado da natureza dos trabalhos de investigação material e de detalhes, para poder representar a força magna do pensamento humano, por mais que constitua uma base para o Artista que parte dela às mais altas abstrações estéticas.

A observação, a análise, a psicologia depuradas, filtradas pela sensibilidade, produzem em essência a Abstração; mas a visão interna deve ficar perfeita e profunda e não modificar-se com hipertrofias, nem vícios de percepção, nem graves e antipáticos desequilíbrios de sensibilidade.

A humanidade vaga por um mundo povoado de fantasias. Em todo espírito há um fundo fantástico, e nas horas da Desolação, percorre as galerias sinistras dos fantasmas, vai em busca do Sonho, que existe na realidade, como os fenômenos físicos espalhados no organismo do Universo. O ideal é real, desde que exista na circunvolução cerebral de cada ser. A Arte deve despertar, com estilo e emoção, esse sonho, onde ela esteja, na alma do selvagem ou na alma do culto.

Para revelar o próprio pensamento ou para sugerir-lo, é necessário que cada vocábulo tenha vida própria e caia como um ferro em brasa sobre o organismo da idéia. A prosa e o verso, simples instrumentos de transmissão de idéias, podem ser indiferentemente eleitos; desde que o poeta encontre neles uma base para suas impressões, suas visões e seus sonhos.

Todo artista deve ser como uma exótica harpa de duas cordas; uma para a prosa, outra para o verso, produzindo os sons de ambas, iguais harmonias.

Ouçam agora o poeta:

“Se tens fé, se vens inflamado pelo sentimento da concepção e da forma; se te devora a ansiedade de uma aspiração, que arrebatada em asas, que empreende vôos amplos e brancos às regiões que ficam além da morte; se correm por teus nervos, em prodígios de harmonia, músicas estranhas e coloridas, como paixões e sensações; se sentes a dolência amarga das melancolias nebulosas e mórbidas, que insensivelmente umedecem os olhos; se na luz, se no ar, se na cor, se no aroma, tens a fria, a delicada e sutil percepção da arte; se sabes ser, e ter na Arte uma existência única, indivisível, és um Eleito, o Impressionado, o Iniciado”.

E assim foi ele, o poeta de Broquéis, o sonhador de Missal, o visionário de Evocações; assim foi esse pobre maravilhoso espírito, perpetuamente encerrado atrás dos muros de prata do Castelo do Sonho; assim esqueceu, em grandes sonambulismos, as misérias por entre as quais se dealizava sua atormentada vida. Foi o Iniciado e o Eleito, e ao apoiar sua cabeça no regaço da Dor, a Dor tomou sua face, estranhamente, luminosamente.

Senhores, minha conferência terminou.